

A ESCRITA E AS NOVAS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO DAS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS

Maria Eneida da Silva¹ – eneida.ueg@hotmail.com
Débora Cristina Santos e Silva² – dsants@uol.com.br

Introdução

Este trabalho origina-se de um projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT, da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis, Goiás e, através do qual, procura-se pesquisar, refletir e analisar quais os desafios encontrados por docentes e discentes do Ensino Médio na construção dos textos escritos frente ao acelerado desenvolvimento das tecnologias e mídias digitais em um contexto, por vezes, carente de mediações pedagógicas condizentes com o novo perfil de desenvolvimento cognitivo apresentado por nossos alunos.

Esses egressos – em grande maioria – chegam à Universidade sem um mínimo de proficiência, não apenas nas áreas de seus cursos, mas até mesmo na própria língua materna. Sabemos que não há milagres; há, sim, um desenvolvimento cognitivo e intelectual que se inicia na alfabetização, consolida-se ao longo do Ensino Fundamental e Médio e que atinge a maturidade na academia, o que é bem enfatizado pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE): “o aprimoramento do nível superior, por sua vez, está associado à capacidade de receber egressos do nível básico mais bem preparados, fechando um ciclo de dependência mútua, evidente e positiva entre níveis educacionais.” (BRASIL, 2008, p. 10).

Na tentativa de compreender o resultado dessa dificuldade na produção de textos dos alunos do Ensino Médio através de dados das pesquisas aplicadas pelos sistemas de avaliação da educação brasileira disponíveis constatamos que, destes sistemas, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – devido ao modelo subjetivo de avaliação aplicada – é o único que possibilita uma melhor avaliação das competências linguísticas ligadas diretamente à escrita. As notas obtidas pelos estudantes são utilizadas por diversas universidades públicas e privadas como componentes de seus sistemas de seleção e seus dados estatísticos também são utilizados pelo governo para definir políticas públicas educacionais.

Entretanto, a importância dada por alunos à avaliação das competências de produção textual no ENEM está muito mais centrada na utilização das médias pelas universidades como

¹ Aluna ouvinte do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG – Anápolis (GO).

² Professora do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG – Anápolis (GO).

forma de ingresso no Ensino Superior do que na relevância do aperfeiçoamento da escrita como fator de inserção social e cultural – até mesmo porque isso resulta do caráter de análise das produções textuais. E os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais+ Ensino Médio preocupam-se com essa inserção ao trazerem a proposta de um novo Ensino Médio “de forma a responder às transformações sociais e culturais do mundo contemporâneo” (BRASIL, 2002, p. 07).

Lauro Carlos Wittmann (2004, p. 21), sobre o papel da educação formal, pondera “A intervenção educativa da escola só faz sentido se, de fato, contribuir para a formação das pessoas.” Essa formação perpassa pelas mediações pedagógicas que incentivam a leitura e a escrita como base primordial para o letramento – capaz de propiciar ao indivíduo a inserção social necessária ao seu aprimoramento intelectual e humano, tanto quanto laboral de forma digna e igualitária. Como forma de garantir o desenvolvimento progressivo das habilidades e competências que permitem o domínio sociolinguístico da língua, o processo de ensino-aprendizagem precisa ser mediado pelas tecnologias e mídias digitais disponíveis pedagogicamente, uma vez que essa é a realidade da geração atual chamada por Marc Prensky de “nativos digitais” – porque já nascem em contato com tais tecnologias – e isso, dentre outras coisas, “fez com que houvesse uma mudança cognitiva para o aprendizado por imagens e não mais só por palavras. E ao passo que nós dizemos que vamos entrar na internet, eles estão sempre na internet; sempre conectados.” (TOSCHI, palestra, 2012).

Revisão de Literatura

A comunicação sempre foi primordial para a humanidade sobreviver melhor e transmitir conhecimentos acumulados. Antes mesmo de constituir a linguagem falada, o homem desenvolveu a atividade comunicativa através de desenhos e pinturas para registrar as coisas que o cercava e, assim, surgiram as primeiras formas de narrativa das atividades que desenvolvia. As chamadas pinturas rupestres são os primeiros registros dessa atividade de comunicação. A partir dos registros iniciados com o desenvolvimento da escrita, rompe-se com a pré-história e se funda a história da humanidade.

Février define a escrita tal como ela é hoje: “um procedimento do qual nos servimos atualmente para imobilizar, fixar a linguagem articulada, fugaz por sua própria essência” (FÉVRIER, 1995 apud REGO, 2005, p. 66). Saussure faz a seguinte comparação “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, [...]”. (SAUSSURE, 2006, p. 24). Sabemos que das representações gráficas surgiu a escrita, mas para que haja escrita, “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado”. (FÉVRIER apud HIGOUNET, 2003, p. 11).

A compreensão mais ampla de escrita que aqui se deve primar é da sua utilização como fator de inserção social que é possibilitada – dentre outros fatores – pelo desenvolvimento das competências linguísticas para a leitura, a compreensão e a produção de

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

textos, principalmente na escola. Emilia Ferreiro (1995) pontua que o significado da escrita é garantido por duas condições: uma subjetiva, a intenção de quem escreve; a outra, objetiva, as propriedades apresentadas pela sequência de letras produzidas. Para que alunos sejam produtores de textos – falados ou escritos, atuando tanto como interlocutores quanto como leitores – precisam ter desenvolvidas, progressivamente, diversas habilidades e competências que pressupõem o domínio sociolinguístico da língua, mas acima de tudo o processo de ensino-aprendizagem precisa ser mediado pelas novas tecnologias. Pois é certo que não há mais lugar na escola para práticas pedagógicas desvinculadas da realidade social dos alunos, uma vez que isso faz com que eles se desinteressem pela escola; fiquem entediados na sala de aula; faz com que vejam o espaço que antes era de aquisição de conhecimento como um local de aprendizado de conteúdos ultrapassados, distantes do mundo real e da sua prática social.

Para que tal objetivo seja alcançado, o professor precisa atentar-se para as práticas pedagógicas utilizadas e se estas estão atingindo a proposta de construção do conhecimento – através da leitura e da escrita – mediado pelo uso das novas tecnologias, pois “ações concretas em favor da chamada ‘inclusão digital’ e do ‘letramento’, em sua natureza diversa, têm sido verificadas em todos os níveis de ensino.” (SILVA, 2011, p. 4).

Ao buscar o conceito de mediação temos, por Masetto (2012, p. 144-145), que “por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem [...]”. Este mesmo autor nos traz ainda que as técnicas que utilizamos para facilitar a aprendizagem podem estar inseridas em uma perspectiva de mediação pedagógica, tanto com a utilização das tecnologias convencionais como nas denominadas “novas tecnologias”.

Para finalizar a base epistemológica deste resumo, partimos para compreender tecnologia que é definida por Abbagnano (1999, p. 942), como “o estudo dos processos técnicos de determinado ramo da produção industrial ou de vários ramos; o mesmo que técnica; [...]”. Já a palavra técnica “é originária do verbo grego *tictēin* que significa ‘criar, produzir, conceber, dar à luz’. Para os gregos essa palavra tinha um sentido amplo, não se restringindo apenas a equipamentos e instrumentos físicos, mas incluindo toda sua relação com o meio e seus efeitos.” (TAJRA, 2000, p. 26). E, ainda, segundo Don Tapscott, (1997 apud TAJRA, 2000, p. 27), “tecnologia só é tecnologia quando ela nasce depois de nós. O que existia antes de nascermos faz parte de nossa vida de forma tão natural que nem percebemos que é uma ‘tecnologia’”. Em relação a isto, Masetto diferencia tecnologias convencionais como as que já estão presentes na escola há algum tempo e as “novas tecnologias [como] aquelas que estão vinculadas ao uso do computador, à informática, à telemática e à educação a distância.” (MASETTO, 2012, p. 146). Podemos acrescentar ainda – como parte integrante dessas novas tecnologias na escola – as diversas mídias digitais que podem estar presentes no ambiente escolar ou fora dele, mas que podem propiciar ao professor recursos para mediar sua ação pedagógica. Isto porque, segundo Toschi (2010), o estudante de hoje é aquele que escreve 42 palavras na escola, ao passo que escreve mais de 500 no correio

eletrônico. Não podemos dizer que os alunos não leem e não escrevem mais, o que houve foi uma mudança de paradigma da leitura e da escrita como forma de interação e comunicação, pois de acordo com Toschi (2012), “nunca se leu tanto e se escreveu tanto como hoje, só que de forma diferente”.

Não é fácil ser professor desses alunos que, por serem nativos digitais, são bombardeados pelas mídias digitais fora da escola ao alcance de todos a qualquer momento. Mas também não é impossível. “Precisamos ser um professor inovador: não somente um professor ‘power point’ para um aluno ‘corta e cola’”. (TOSCHI, 2012).

Metodologia

O projeto de pesquisa, objeto deste trabalho, inicia-se com pesquisas bibliográficas e documentais sobre produção escrita de jovens do Ensino Médio em terras brasileiras, bem como dados dos sistemas de avaliação da educação básica com foco no desenvolvimento das competências e habilidades tanto da escrita quanto da leitura, visto que uma não se desvincula da outra. Triviños (1987, p. 111), diz que “a ‘análise documental’ é [...] um estudo descritivo que fornece ao investigador a possibilidade de reunir uma grande quantidade de informação sobre leis estaduais de educação, processos e condições escolares, planos de estudo, requisitos de ingresso, livros-texto etc.”. Os sujeitos dessa pesquisa serão alunos de duas turmas do 3º ano do Ensino Médio, em duas escolas públicas – uma turma de cada escola – da cidade de Luziânia, Estado de Goiás – GO, bem como seus gestores e professores.

A pesquisa será de natureza quali-quantitativa – os dados coletados através de questionários serão de ordem quantitativa e os provenientes das observações serão de ordem qualitativa – e de cunho etnográfico, pois o foco está em estudar e descrever a interação sociolinguística em que os participantes estão envolvidos no que se refere à escrita. Moita Lopes (2000) diz que o processo é o que norteia a pesquisa de cunho etnográfico. E a abordagem qualitativa, conforme Severino (2007) possui característica de não delimitação obrigatória e rígida de aspectos processuais; enfatiza mais os aspectos conceituais da pesquisa qualitativa que tem sua base na busca do entendimento das relações, causas e circunstâncias dos fatos, mais do que comprovar ou excluir sua existência, e quantificar sua intensidade. Bauer e Gaskell (2008) pontuam que a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa se completam entre si, embora se diferenciem quanto à forma e à ênfase.

A técnica de coleta de dados será por meio da realização de diagnose social das escolas; observações em duas salas de aula; coleta de produções escritas dos alunos; entrevistas semiestruturadas com gestores e professores e análise dos dados coletados (os textos produzidos pelos alunos de escolas públicas distintas e as entrevistas). Já as análises dos dados terão embasamento nos autores já mencionados, tanto quanto em outros que possam contribuir para a reflexão e busca de respostas para a problemática levantada. Os

estudos estão em fase inicial e, portanto, em busca de mais teóricos que deem suporte ao desenvolvimento da pesquisa.

Conclusão

Reconhecemos que “as novas tecnologias” não resolverão o problema educacional no Brasil, nem sequer são fórmulas mágicas para que a escrita dos alunos resulte em processos cognitivos mais significativos para eles. Mas, se usadas adequadamente como mediadoras pedagógicas, garantirão o aperfeiçoamento do processo de letramento que é complexo, abrangente e envolve diversas práticas políticas e sociais, mas que também está fundamentado na aquisição da competência da leitura e da escrita.

Nada justifica que esta ignore a utilização das novas tecnologias como mediadoras pedagógicas capazes de trazer para o contexto escolar aquilo que os alunos vivenciam como prática social. Essa visão de interligação das produções textuais às mídias tecnológicas e também digitais deve alcançar não só os professores, mas toda a comunidade escolar com vistas a ações concretas para consolidar a inclusão digital e o letramento, pois “[...] vivências de leitura, interpretação de textos e produção de escrita criativa podem ser proporcionadas em muitas situações de aprendizagem presencial ou a distância.” (SILVA, 2011, p. 4).

Referências

- ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BAUER, Martin W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. 244 p.
- _____. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC; SEB, 2008. 43 p.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284 p.
- HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.
- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia (cap.3). In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2012. p. 133-172.
- MOITA LOPES, L.P. **Oficina de linguística aplicada**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

REGO, Cláudia de Moraes. Sobre a história da escrita. In: _____. **Traço, letra e escrita na/da psicanálise**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. cap. 2, p. 65-103. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=6602@1>. Acesso em: 10 jun. 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, Charles; SECGEHAYE, Albert. (org.); RIEDLINGER, Albert. (colab.); CHELINI, Antônio; PAES, José Paulo; BLIKSTEIN, Izidoro. (trad.). 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Débora C. S. E. Pesquisa e mediação pedagógica no ensino de literatura em meio digital. In: EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 4., 2011, Anápolis. **Anais eletrônicos...** Anápolis: UEG, 2011. Disponível em <http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/lingua_portuguesa/co/444-1147-1-SP.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade**. 2 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Érica, 2000.

TOSCHI, Mirza Seabra. Os sujeitos e as novas tecnologias na sala de aula. In: **Workshop: ensino médio, diversidade e juventude**, 2010, Caldas Novas. Disponível em: <<http://www.sldeshare.net/livianeiva/mirza-seabra-os-sujeitos-e-as-novas-tecnologias-na-sala-de-aula>>. Acesso em: 10 set. 2012.

_____. Tecnologia, Educação e Autonomia. In: **Semana do Educador**, 12., 2012, Luziânia. Apresentação oral. Luziânia, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WITTMANN, Lauro Carlos. **Conselho escolar e o respeito e a valorização do saber e da cultura do estudante e da comunidade**. Brasília: MEC, SEB, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad3.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2012.